

VAITSMAN, Heliete. *O cisne e o aviador*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 172p.

O CISNE E O AVIADOR

Erick da Silva Bernardes¹

Não é de agora que escritores ficcionistas servem-se de elementos extraídos do cotidiano de figuras ilustres, no intuito de compor obras cuja relevância histórica chame a atenção dos seus leitores, pela pesquisa documental elaborada entrelaçada ao discurso de criação. Com o romance *O cisne e o aviador* não é diferente. Escrito por Heliete Vaitsman, ex-colunista de *O globo* e repórter do *Jornal do Brasil*, a narrativa desta jornalista veio a público em 2014, momento este cujas histórias de viajantes e sobreviventes de guerra encontram-se cada vez mais em voga. Trata-se, portanto, de uma obra construída por alguém que se mostra especialista nos mais variados tipos e gêneros textuais, proporcionando ao leitor uma escrita elegante, mista de biografia e ficção.

O contexto histórico do romance abrange parte do século XX até os dias de hoje. Por meio de digressões temporais, ora com referência à época da crescente opressão nazista na Europa, ora situando o enredo na contemporaneidade, acompanhamos o antissemitismo destruidor revelar seus lados mais cruéis e obscuros. Outra característica que se impõe no decorrer da trama é a presença constante das referências historiográficas, concernentes às terríveis ações em que os homens (através de complôs) puderam cometer a si mesmos durante a Segunda Guerra Mundial, bem como os devastadores efeitos do holocausto sobre o mundo. Ademais, a geografia descrita na trama abarca uma pluralidade de regiões nas quais evidenciou-se o lastro de destruição que o genocídio proporcionou. Direta ou indiretamente, dentre esses lugares referenciados na obra, destacam-se a Letônia, a Alemanha, a França, o Brasil, a Polônia, o Uruguai, a Argentina, enfim. No que concerne ao quesito “narrador”, *O cisne e o aviador* dispõe de uma voz onisciente e inominada preocupada não só em relatar a vida do aviador Heberts Cukurs, e sua rede de relacionamentos mundo afora - até este último estabelecer-se no

¹ Discente de Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da Faculdade de Formação de Professores – FFP-UERJ, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

Brasil -, mas, acima de tudo, esse locutor preocupa-se em construir uma trama composta por três personagens, as quais, em alguns momentos, assumem a voz enunciativa: Frida, Rosa e Clara. São mulheres que se apresentam como testemunhas de quem, de alguma forma, tomou contato com o piloto Heberts Cukurs, e cujos serviços este avião parece ter prestado às forças armadas lideradas por Adolf Hitler.

Na história escrita por Heliete Vaitsman, vemos os relatos das perseguições sofridas pelos judeus articularem-se no romance por meio da memória. A grande metáfora do enredo incide sobre os cisnes que dão molde atualmente aos pedalinhas construídos naquela época pelo piloto personagem do romance. Já no início da narrativa, é permitido ao leitor saber que havia um lago repleto de cisnes na Alemanha natal de uma das personagens. A prefiguração da ave elegante, símbolo de leveza, permite ao interlocutor mergulhar no tom confessional e nostálgico da vida de tantas e quantas famílias, as quais foram obrigadas a abandonar subitamente suas raízes e a buscar reconstruí-las em lugares diferentes daqueles nos quais nasceram. Em outras palavras, “os cisnes de Berlim, os verdadeiros, silenciosos, alvos de fazer a vista doer” (VAITSMAN, 2014, p. 9), revelam uma importante estratégia de articulação discursiva de linguagem figurada. Esse modo poético de narrar a tristeza dispõe de um inegável intercâmbio entre a ficção e a história, através da presença dos barquinhos movidos a pedal em formato de cisne, típicos do Rio de Janeiro, no intuito de atenuar a realidade amarga que trafega “pelas rotas arriscadas da mente” (VAITSMAN, 2014, p. 10). Logo, esses pedalinhas idealizados de fato por Cukurs – tomados como metáfora central da obra – entram no jogo da linguagem romanesca, tal qual uma tentativa emblemática de reconstruir artificialmente, com elementos de uma realidade histórica, um passado incontornável daqueles tantos imigrantes aportados no Brasil.

Nessa complexa rede de relações entre as várias personagens com experiências similares, destacam-se três histórias de mulheres, por meio das quais somos confrontados com pontos de vistas particulares acerca do personagem biografado, Cukurs. Dessa forma, Frida, Rosa e Clara relatam suas respectivas relações com o ex-aviador letão, cada qual a sua maneira, direta ou indiretamente, proporcionando à diegese um efeito plural de vozes sob uma tríplice perspectiva; porque, essas três linhas testemunhais serão majoritariamente reapropriadas pela voz enunciativa onisciente, com vistas a depurar o enredo triste, decorrente dos traumas provenientes da Segunda Guerra Mundial, atenuando o peso da crueldade das ações nazistas sobre tantas pessoas. O livro dispõe de narradores alternantes, como a personagem já idosa e

doente Frida, nascida na Alemanha, preocupada em revelar à neta Brígida um passado outrora escondido. Mas agora, à beira da morte, ela assume o viés do discurso memorialístico, e desvela à filha da sua filha toda uma história de dor e trauma de imigrante europeia. Urge-nos ressaltar, entretanto, que quando a avó alemã de Brígida toma para si a diegese, a configuração textual modifica-se à maneira epistolar, alterando inclusive a fonte na qual o texto fora estruturado. Somam-se a isso, os variados modelos de notícias de jornais, discursos panfletários acerca das ações do famoso piloto europeu, e quadros explicativos, os quais enriquecem a arquitetura textual, conforme a nota final escrita pela autora: “mescla de ficção e história, inspirado pelas múltiplas facetas e contradições do caso Cukurs” (VAITSMAN, 2014, p. 171).

Sendo assim, a história narrada inicialmente por uma senhora de 90 anos, de origem germânica, acamada por estar em estado de debilidade física avançada, de antemão denota o caráter documental que reveste o romance. A linha diegética apresentada *in ultima res* serve-se de um psicologismo típico de sobreviventes de guerra, cujos traumas só permitem que suas vidas sejam relatadas aos filhos, netos e parentes próximos, quando o traumatizado encontra-se à beira da morte. Esse tipo de intercorrência entre homens e mulheres impregnados de experiências perturbadoras revela, em termos gerais, uma necessidade humana de repassar o conhecimento. Por meio de um discurso literário em que jogam os afetos, este conhecimento “não é mais epistemológico, mas dramático” (BARTHES, 2007, p. 19), e não pretende deixar que os absurdos do idealismo e da barbárie sejam enterrados juntos com aqueles que viveram a experiência e se sabem próximos de morrer. Embora oriunda de uma família tradicional alemã, a judia Frida não foi poupada pelas tropas de Adolf Hitler, que não hesitaram em perseguir a ela e a seus entes queridos. No desenvolver do romance, o narratário é levado a saber que o aviador letão Heberts Cukurs, assim como a avó de Brígida, e muitas outras pessoas fugiram do velho continente e rumaram para cá – como fica evidente nas trajetórias de Clara e Rosa e suas respectivas famílias. Consequentemente, é esse entrelaçamento de percursos familiares, cruzamento do depoimento do piloto (acusado de compactuar com o nazismo) e dos personagens judeus vitimados pelo ditador alemão, a base das muitas desventuras e aventuras que estruturam o livro *O cisne e o aviador*.

Assim, durante o romance, ao narratário são apresentados outros imigrantes, originários de diversas partes do globo, a viajarem para o Brasil a bordo de um navio. Esses homens e mulheres apartados da Europa natal compõem majoritariamente o conjunto das personagens do livro em questão. Entretanto, o foco narrativo aponta mais especificamente para

Heberts Cukurs e para as três mulheres que configurarão a trama. São personagens que embora fossem inicialmente estranhas umas às outras, sem nem bem haverem travado contato entre si durante a viagem marítima, quisera o destino comum que essas imigrantes se conhecessem e encontrassem condições de reconstrução das suas vidas em terras brasileiras.

Contudo, se logo no início da enunciação a memória de Frida permite ao leitor enveredar pela ação romanesca, está claro que uma segunda ponta da trama incide sobre a história da também judia Rosa. Esta personagem oriunda da Letônia, assim como o piloto Heberts Curkurs, veio para o Brasil casada com Iosse, um negociante perambulante preocupado em ganhar a vida na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, o interlocutor saberá que Rosa viajara de Riga, sua cidade natal, até o Brasil, alocada na terceira classe do navio, assim como as demais imigrantes que compõem a obra em questão. Sabe-se que a personagem originária do báltico encontrava-se em estado avançado de gravidez durante o trajeto e, teria, justamente, dado à luz durante a viagem no navio chamado Cabo da Boa Esperança, em alto-mar, no percurso que culminaria no Brasil. Decorre daí o motivo da filha, nascida a bordo da nau, ter recebido o nome de Sofia Esperança: o primeiro nome, em homenagem à avó da bebê, e o segundo em referência à embarcação na qual a menina viera ao mundo.

A terceira figura importante dessa complexa rede de histórias de mulheres é a polonesa Clara, esposa de Waldemar, alfaiate, homem militante das causas israelitas no Rio de Janeiro. Clara é o elo de ligação entre Frida e Rosa, devido ao fato de serem amigas também, pois, esta última possui um caso amoroso clandestino com João Afonso, marido de Frida, e figura importante abastada de tradição familiar na sociedade carioca. Sendo assim, em princípio, embora o motivo central da narrativa seja a vida de Heberts Cukurs, as ações culminam em histórias construídas por figuras femininas, sobre o cotidiano das vítimas chegadas ao Brasil por causa da Segunda Guerra Mundial. Entre uma ou outra troca de cartas e muitas conversas de amigas, as três personagens tecem o enredo de *O cisne e o aviador*, as quais convergem para uma necessidade comum, ao fim das suas respectivas vidas, de narrarem aquelas experiências outrora guardadas nos lugares mais recônditos da memória. Portanto, o desfecho do enredo acontece com a morte do aviador no Uruguai, assassinado por um grupo referido como representante do Mossad, organização pertencente ao serviço de inteligência israelense.

O ex-piloto da Letônia é atraído por um falso empresário até Montevidéu. Após uma articulação internacional muito bem planejada pelo assassino e seus comparsas, ele cai na armadilha. Em consequência, o aviador é cercado pelos seus algozes, e sofre uma martelada na

cabeça, seguida de disparos de arma de fogo com silenciador acoplado, levando o aeronauta ao óbito instantaneamente. Esse assassinato ficará registrado para sempre nos anais da história dos complôs políticos e genocidas. No entanto, é inegável que a narrativa sobre o aviador Cukurs perde força de importância no romance, à medida que o enredo autoconfessional de Frida, Clara e Rosa tomam conta do arcabouço da trama. Por conseguinte, não será equívoco afirmarmos que são essas personagens, ao final das suas vidas dedicadas a casamentos, profissões, maridos e filhos, que proporcionam ao interlocutor uma obra ficcional sobre a memória da guerra. E, quando isso acontece, a vida se sobrepõe à morte, as trajetórias dessas mulheres vencem o caráter central do biografado letão suspeito de genocídio. Sendo assim, os traumas das guardiãs da história responsáveis pela configuração da trama suavizam-se via ficção, pois, conforme Vaitsman (2014, p. 42), “é preciso sepultar os mortos para abrir espaço no universo, e só é possível sepultá-los se forem contados”, recontados, enfim, sobrevividos por meio da obra literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. *Aula*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

Enviado em: 04-07-17

Aceito em: 14-12-17